

CAPOEIRA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: PERCURSOS, DIÁLOGOS E DESAFIOS

Roberto C Malcher Kanitz¹

Introdução

Neste artigo apresentamos um relato de experiência a respeito de um projeto de Extensão desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG desde o ano de 2018. Mas para estabelecer uma narrativa compreensível, precisamos que o(a) nosso(a) leitor(a) tome conhecimento de qual visão que tenho a respeito da capoeira, como a percebo, uma vez que, como tradição afro-brasileira essencialmente oral, guarda diversas peculiaridades e interpretações, próprias dessa manifestação cultural. Além disso, há uma disputa de conceito quando tratamos da Extensão Universitária no Brasil. Qual a sua compreensão? Quando falamos de extensão dizemos de prestação de serviços, ou até mesmo a venda desses, ou entendemos como uma parte indissociável da Pesquisa e do Ensino, e que deve construir os conhecimentos com as comunidades para além dos muros da Academia?

Dessa forma, para fins de organização, dividi este texto em três partes igualmente importantes. A primeira tratará, de forma sucinta, das minhas impressões e experiências com a capoeira. Nessa parte, além dos saberes acadêmicos pertinentes, será apresentada a minha trajetória como mestre da arte. Na parte seguinte, analisarei um pouco as diversas concepções de extensão, procurando me posicionar e defender a tendência que mais me aproximo e acredito. Por fim, na terceira parte, tratarei de contar ao leitor a respeito dessa viagem maravilhosa como coordenador do projeto por mais de cinco anos, na UEMG.

Falando um Pouco da Capoeira

A capoeira é uma das mais significativas expressões da cultura afrodescendente no Brasil. Além disso, apresenta-se como um dos instrumentos mais poderosos na divulgação da língua portuguesa, e do nosso país, no exterior. Sua presença está registrada em mais de 170 países, segundo o IPHAN.

¹ Doutorado em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: roberto.kanitz@gmail.com

Essa arte de luta-dança-jogo, mistura de práticas corporais de diversas nações e etnias africanas em nossas terras, apresenta elementos importantíssimos para entendermos melhor os processos de ensino e aprendizagem, tão caros a Educação Física e suas intervenções. Também corrobora com o entendimento da história da nossa própria construção cultural afro-brasileira. Afastando-se de elementos europeus de organização das manifestações da cultura corporal de movimento, a capoeira propõe práticas corporais profundamente ritualizadas e tradicionais, com a grande possibilidade de não serem autoritárias e quadradas, pois afinal seus/suas adepto(a)s reúnem-se em roda², ao som dos diversos instrumentos. Pode-se aprender a noção de hierarquia, de respeito e de valorização dos saberes ancestrais. Entretanto, a novidade e a surpresa são elementos presentes e essenciais do jogo, assim como a liberdade e a originalidade, naquelas comunidades de prática onde Mestras e Mestres desenvolvem a oportunidade de ensinar as negaças, as mandingas e as malícias da Arte da capoeira, nas suas diversas concepções e metodologias.

Angola ou Regional, mais rápida ou mais cadenciada, escolas que ensinam movimentos mais próximos do chão ou golpes mais eficientes, de uma desenvoltura acrobática admirável ou nos gestos profundamente ricos de simbologia, todas são capoeiras contemporâneas, estão no nosso tempo. Sua heterogeneidade apresenta-se como sua principal riqueza nesse mosaico da Arte no presente, com seus/suas signatário(a)s. Dependendo da situação, os corpos em diálogo nesse terreiro de mandinga, realizam aproximações ora com as danças, ora com as lutas, e ora com as brincadeiras, sem que nenhuma dessas dimensões exclua a outra ou se sobreponha. O/a capoeirista luta dançando, brinca lutando e dança brincando. Seus símbolos e rituais de herança africana, ressignificados no Brasil, conferem a estética impactante da manifestação. Capoeira, entendido como a pessoa que a pratica, é um artista que

² A Roda de Capoeira, entendida como expressão máxima desta Arte, foi inscrita no *Livro de Registro das Formas de Expressão* no ano de 2008, e é o principal elemento estruturante de uma prática corporal em que se expressam, simultaneamente: canto, toque dos instrumentos e jogo. Livro de Registro das Formas de Expressão reúne os registros das manifestações artísticas em geral. Estas são formas de comunicação reconhecidas pelo Iphan e associadas a determinado grupo social ou região, desenvolvidas por atores sociais reconhecidos pela comunidade e em relação às quais o costume define normas, expectativas e padrões de qualidade. Trata-se da apreensão das performances culturais de grupos sociais, como manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas, que são por eles consideradas importantes para a sua cultura, memória e identidade. - Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

desenha na tela da roda sua obra sempre inédita. Voltemos ao processo de reconhecimento internacional.

Como desdobramento do reconhecimento nacional e inscrição no *Livro de Registro das Formas de Expressão* em 2008, a 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda reconheceu oficialmente a Roda de Capoeira como Patrimônio Imaterial da Humanidade, em novembro de 2014, em Paris. A aclamação da Roda de Capoeira, pela Unesco, foi uma conquista muito importante para a cultura brasileira, para seus praticantes – Mestres e Mestras, e expressa mais um capítulo da história de resistência negra no Brasil.

A Educação Física brasileira, por sua vez, na retomada do questionamento epistemológico, a partir da década de 1980, para elaborações que sustentam uma prática pedagógica escolar crítica, também reconhece a capoeira como conteúdo distinto e importante. As teorias críticas entendem que o movimento humano histórico e culturalmente construído deve ser o objeto de intervenção pedagógica da Educação Física. Para tanto, metodologicamente, pensou-se em reunir as diversas práticas corporais em grandes grupos temáticos, tais como: Esportes, Ginásticas, Jogos e brincadeiras, Lutas e Dança. Sendo assim, a capoeira e as práticas corporais afro-brasileiras como o samba, o maculelê, o jogo, o coco, entre outras, também poderiam formar um importante e distinto grupo temático da Educação Física.

Acompanhando este movimento, uma das importantes obras científicas que problematizaram o ensino e a organização das práticas corporais nas escolas, pontua a importância da capoeira para um bom currículo da Educação Física na educação básica. Segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992, p. 53):

A Educação Física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da Educação Física.

Dessa forma, entendemos que as Universidades Públicas podem e devem estabelecer diálogo com os bens culturais afrobrasileiros, e em especial a capoeira. E estes saberes só poderão ser ensinados, experimentados e vivenciados por mulheres e homens na Universidade, se houver uma prática regular e organizada, em comunicação constante e permanente com a comunidade.

E ainda, penso que devemos discutir e problematizar a presença da capoeira neste grande conteúdo que, em muitas Universidades, chamam de lutas. Será que é o lócus ideal para trabalharmos este conteúdo, como nos lembrou bem o Coletivo de Autores, sem desencarná-lo? Será que, dada a abrangência deste temário das lutas, a capoeira acaba estabelecendo similitudes com apenas uma das suas ricas dimensões? E na ausência de um professor ou professora com domínio da temática, a capoeira simplesmente não desapareceria do currículo dos egressos dos cursos de Educação Física, sem ao menos ser notada? Perguntas que, no limite deste artigo não poderemos responder, mas que merecem atenção, estudos e pesquisas mais aprofundadas.

Notas a Respeito da Extensão Universitária

Se houve uma dimensão da tríade indissociável³ que sempre esteve em diálogo com a comunidade e com a população externa à universidade, esta foi a extensão. Mesmo aquelas concepções mais assistencialistas e voltadas para a prestação de serviços, apresentam-se como parte inseparável que recorrentemente gozou de menos prestígio e menos verbas ao longo da recente história das Universidades no Brasil. Um lampejo do projeto de Universidade voltado um pouco mais a população começa a despontar tão somente (e tardiamente) na década de 1980. O Fórum Nacional de Pró-Reitores das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras – FORPROEX, indicava que a extensão Universitária deveria ser uma via de mão dupla, onde o saber acadêmico e o saber popular deveriam se encontrar (GADOTTI, 2017). No bojo deste movimento, a Constituição Federal (1988), no Art. 207, explicitou: “As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”

Acompanhando este movimento, a Constituição Mineira, no Art. 199, reafirmou: “As universidades gozam de autonomia didático-científica e administrativa, incluída a

³ Ensino, pesquisa e extensão.

gestão financeira e patrimonial, observado o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”

Apesar da aparente (e nova) preocupação do Estado em relação a dimensão extensionista das Universidades Públicas e a afirmação categórica da indissociabilidade com as outras duas dimensões - ensino e pesquisa; na prática sabemos que o status de um projeto de extensão não acontece com a mesma celeridade ou aporte financeiro do ensino regular ou da pesquisa científica. Até mesmo os baremas para avaliar o desempenho docente na imensa maioria das Universidades públicas, pontuam de forma muito tímida ou insuficiente o envolvimento laboral com essa dimensão Universitária. Dessa forma, considero importante que a comunidade científica analise os motivos que resultaram nesse desequilíbrio do tripé que sustenta o projeto de Universidade Pública, no Brasil. Alguns dos motivos desta distopia pode ser explicado na história da formação universitária no Cone Sul das Américas.

Desta forma, o surgimento das universidades no continente sul-americano está aliançado às origens do período colonial e é uma marca indelével do legado das culturas europeias no Novo Mundo (FREITAS NETO, 2011). Obviamente, estas instituições não eram pensadas para serem frequentadas pelos trabalhadores, trabalhadoras e sua prole. O objetivo era formar os filhos das oligarquias, deixando a população à margem do conhecimento produzido.

A Reforma de Córdoba, em 1918, um ano depois da Revolução Russa, foi um marco na trajetória das universidades sul-americanas, por propor a construção de um modelo universitário renovado (IDEM). Em seu Manifesto de 21 de junho daquele mesmo ano, os estudantes argentinos de Córdoba exigiam, entre outras pautas, uma extensão para além dos limites da Universidade e difusão da cultura universitária para uma maior parte da população. Ou seja, uma extensão que atravessasse os muros da Instituição e que não fosse centrada em si própria. Sendo assim, a extensão Universitária apresentou-se como uma das fundamentais interações da Academia com a comunidade, desde os primórdios de sua organização em terras latino-americanas. Todas as movimentações políticas e estudantis em Córdoba foram

importantes inspirações aos projetos de universidade que seriam criados ou reformados, na América do Sul, em todo século XX.

Sendo assim, a Extensão, parte basilar que sustenta e justifica a criação, desenvolvimento e manutenção das Universidades públicas no Brasil até os dias de hoje, deveria buscar dialogar com os interesses locais e regionais, e às demandas da transformação da sociedade de uma forma geral. Ainda na quadra política da disputa de um projeto de Universidade para o Brasil, no turbulento processo de redemocratização do País, uma importante entidade – o ANDES SN – estabelece como princípio em um dos seus mais importantes documentos (CADERNOS ANDES N°2, 1981, p.20):

A extensão deve ser uma política institucional, indissociável do ensino e da pesquisa, que tenha como objetivo a identificação e o acompanhamento de problemas sociais relevantes e propiciar a troca de experiências e saberes entre a universidade e a sociedade. As ações advindas desses projetos devem ser gratuitas e seus resultados, mesmo quando fruto de convênios, devem ser publicizados sem restrições, permitindo a sua apropriação pela sociedade.

Elementos importantes e fundamentais estão expressos no Caderno 2 e orientam nosso trabalho, tais como a gratuidade do processo, pois este estaria sendo desenvolvido em uma instituição pública; a valorização da função social das ações extensionistas, e como as pesquisas e o ensino podem (e devem) caminhar de forma indissociável.

Desta maneira, entendemos que a prática da capoeira, em um projeto de Extensão Universitária, deve favorecer, além da prática corporal, saberes que se aprofundem na sua história e nos seus aspectos sociais. E ainda, provocar estratégias e planejamentos para o ensino da Arte no ambiente escolar, nos projetos sociais, entre outros. Entretanto, não se trata aqui de uma organização da capoeira pela Academia. A Arte e seus/suas signatário(a)s também possuem ricos elementos para estabelecer diálogo com a Academia, nas diferentes formas de organização. Me aproximo da concepção de Extensão que busca o diálogo fértil da Universidade com a capoeira, de forma horizontal, como dizia Paulo Freire (1987), ninguém educa ninguém,

ninguém se educa a si mesmo, os homens (e mulheres) se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Destarte, procuramos nos afastar do sentido assistencialista ou de oferta de serviços. Queremos dialogar com a comunidade da capoeira. Saber dela o que nos ajuda a pensar uma prática docente nas escolas, nos projetos sociais, nos clubes, entre outros. Não colocamos nosso conhecimento (científico) como sendo o hegemônico, com o qual resta-nos a tarefa de “iluminar” os/as protagonistas da Arte. Nossos saberes acadêmicos podem ajudar, certamente, mas numa perspectiva horizontal, sem atropelos ou arbitrariedades. Queremos saber da comunidade da capoeira, e tentamos oferecer, na mesma medida, elementos para a reflexão dos ensino e do aprendizado das práticas corporais. Nosso compromisso é com a Educação e com um projeto de Universidade verdadeiramente popular.

Concordando com GADOTTI (2017, p. 05), quando este trata de Paulo Freire:

Freire entende a extensão como “ação cultural”, ao contrário da “invasão cultural”. Por cultura ele entende o que fazemos, como práxis, como “ação transformadora” – transformar o meio natural em meio cultural – isto é, trabalho, seja ele material ou imaterial, social ou produtivo, manual ou intelectual.

Então, nenhum saber acadêmico deveria estar apartado do diálogo com a comunidade e com o tão mal falado senso comum. Para as transformações que a nossa sociedade necessita, vamos precisar de todo mundo, como já dizia Beto Guedes. E precisamos realizar isto sem disputas de vaidade ou poder, sem valorização excessiva de nenhuma parte. Nesse sentido, o principal objetivo do projeto *Núcleo de Estudo e Prática da capoeira - NECA* é desenvolver a prática da capoeira na Universidade como ação extensionista, por meio de diálogos e produção de conhecimentos científicos, construídos na prática comunitária e para que os/as sujeitos do processo - docentes, técnico-administrativos, estudantes da UEMG/Unidade Ibirité e comunidade em geral - interajam com esses saberes, conforme veremos no próximo item.

Centro de Estudo e Prática da Capoeira – CECA

A trajetória individual na capoeira e a formação em um curso de licenciatura em Educação Física, em muitos casos, podem se confundir e se atravessar. É comum

jovens capoeiras, homens e mulheres, procurarem o curso de Educação Física para satisfazer seu desejo de legitimar o fazer docente com a capoeira. Empiricamente, ao longo dos meus quase vinte anos de docência no ensino superior, tive diversas oportunidades de conhecer mestres e mestras, contramestre(a)s, professore(a)s e aluno(a)s formado(a)s com essa exata intenção. Soma-se a este número, mais uma centena de ex-praticantes da Arte, que falam dela como se fosse um amor impossível, daqueles que ficou no passado. Retrato triste de um País que pouco (ou nada) valoriza suas manifestações culturais, e que impossibilita grande parte desses sujeitos de serem protagonistas no desenvolvimento da capoeira, entendendo que uma prática cultural viva existe, apenas e somente, com a presença dos seus Mestres e Mestras.

Eu mesmo sou um desses personagens, tão comum nos cursos de Educação Física. Muito antes de querer ocupar um banco das Universidades públicas brasileiras, a capoeira já gingava no meu sangue. Meu sonho maior era abrir uma Escola e me tornar Mestre! Ao adentrar a Universidade, entrei em contato com diversos saberes. Foi como se todo um universo escondido da maioria das pessoas tivesse, enfim, se descortinado para mim. Naquele momento, eu podia ter sido treinador de atletas, ser fisiologista, trabalhar com recuperação de cardiopatas, dar aulas em escolas, ou até professor do ensino superior, entre tantas infinitas possibilidades! Nesse turbilhão de novos conhecimentos que é a graduação, participei da criação e desenvolvimento do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – CEMEF/UFMG, com meu querido professor e orientador Tarcísio Mauro Vago. Nos meus sonhos, eu iria concluir a graduação/licenciatura, e ministraria aulas nas Escolas da Prefeitura de Belo Horizonte. Após o período de estágio probatório, pediria licença e ingressaria no Mestrado. Feito isso, prestaria concurso para alguma Universidade pública e depois? Correria para o abraço, ou para o doutorado mesmo. Mas nada disso aconteceu...

Assim que me formei, fui convidado para dar aula no Ensino Superior, na disciplina de Ginástica, no ano de 2004. Pela carga horária que fui recebendo da Universidade (UNIPAC), acabei deixando o cargo de professor em duas escolas particulares e me dedicando completamente a carreira acadêmica. Rapidamente procurei uma especialização, e como bom filho da UFMG, ingressei na famosa pós-graduação lato sensu em Lazer. E mais surpresas estavam no caminho.

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Em Governador Valadares (2005), na Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE, uma Instituição comunitária, iniciei meu primeiro Projeto de extensão, muito incentivado pela minha coordenadora de curso à época, professora Raquel Borges. Nesta altura da vida eu já havia me afastado da capoeira dita regional, e estava absolutamente integrado à Capoeira Angola. Na época, o projeto de extensão chamou-se CUCA: Centro Universitário de Capoeira Angola.



Com o passar dos anos voltei a Belo Horizonte e fui dar aula no Centro Universitário de Sete Lagoas – UNIFEMM, em 2008. A vadição do brinquedo de Angola ainda batia forte no meu coração, mas o preconceito de alguns Mestres fazia minha evolução na Capoeira Angola muito mais difícil que o normal. Acabei ficando sem a orientação direta de um Mestre por muitos anos. Entretanto, o Projeto de Extensão continuava vivo e foi rebatizado de NECA – Núcleo de Estudo e Prática da Capoeira Angola. O NECA me deixou grandes amigos, tais como do Mestre Esquilo e da Professora Glau, responsáveis pelo Grupo Cordão de Ouro da cidade, e que era

o espaço onde levava meus alunos e alunas da graduação para vivenciarem o ambiente da roda de capoeira. Manu e Chocolate, excelentes colaboradores do projeto, também são grandes amigos que fiz na roda da capoeiragem, em Sete Lagoas.

Mais uma volta ao mundo, e acabei me tornando professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais, no ano de 2013. Após a conclusão do meu mestrado, em 2011, estava realmente muito desanimado com a capoeira. Portas que eu achava que pudessem se abrir com meu trabalho sobre a Capoeira Angola na Favela, do Alto Vera Cruz, ao contrário, fecharam-se ainda mais. Fui até acusado de me tornar Mestre por atalho, e percebi o quanto a ignorância pode afetar o bom juízo das pessoas.

Somando-se às desilusões capoeirísticas, na UEMG havia um excelente professor de capoeira - Vinícius, também conhecido na roda da capoeiragem como Contramestre Meque. E ainda, com minha entrada para o doutorado, em 2014, meus treinos ficaram bem limitados. Escolhia com sérios critérios os eventos e rodas de amigos para tocar e cantar. Entretanto, ao final do processo de doutorado, o destino me pregou uma peça. Meque não assumiu mais as aulas de capoeira daquele ano 2017. E ainda, iniciava-se uma mudança no currículo, que precisava ser feita em regime de urgência, demandada pelas instâncias superiores da Universidade. Alguém tinha que ocupar e resistir nesse espaço, caso contrário a capoeira poderia praticamente desaparecer do currículo e da Instituição. Quase que como um presságio, ou uma ação invisível do Universo conspirando a favor, Mestre Nestor Capoeira veio a Belo Horizonte para uma banca de Doutorado e vi fotos suas nas redes sociais. Voltou, num curto espaço de tempo, no lançamento do filme do seu filho, Mestre Jorge Itapuã Beiramar, intitulado: Capoeira – Um Passo à Dois.

Mesmo racionalmente entendendo que assumir o legado da capoeira na Universidade não iria me afastar, de alguma maneira, da minha formação que investi anos – o campo da história social, não parava de pensar no meu definitivo retorno à arte de luta-dança-jogo. Por que não continuar tratando da História do futebol? A tese desenvolvida a respeito do Villa Nova *Athletic Club* poderia render frutos... Mas 'quem é do mar, não enjoa!' O coração falou mais alto e voltei com tudo às rodas da

capoeiragem, no ano de 2017, com toda força. Circulando novamente, fui reencontrando velhos amigos e amigas, agora mestre(a)s e contramestre(a)s. Meu corpo voltou a responder ao que a mente não esquece, com o apoio necessário do Pilates e da orientação do meu amigo e fisioterapeuta Leonardo.

Ao assumir as disciplinas de capoeira do curso de Educação Física, argumentei e convenci meus pares a observarem a possibilidade de trabalhar a Cultura e História da África simultaneamente aos saberes da capoeira e das outras práticas corporais afro-brasileiras, atendendo às especificidades de um curso de formação de professores e professoras. Só faltava um passo: o Projeto de Extensão.

Como já descrevi acima, havia percorrido duas Instituições de Ensino Superior com essa proposta. Nessa caminhada, pude construir alguns saberes que tornaram o CECA – Centro de Estudo e Prática da Capoeira – um espaço mais interdisciplinar, que dialogasse mais com as diversas licenciaturas que são oferecidas na UEMG/Unidade Ibirité. E ainda, que fosse inserida na comunidade de Ibirité e do seu entorno, entre adeptos, praticantes e interessado(a)s. É desse lugar, a partir dessas experiências relatadas acima que o projeto de Extensão coordenado por mim foi construído. Ele mistura-se à minha história na capoeiragem.

Dessa maneira, o projeto 'Centro de Estudo e Prática da Capoeira – CECA' iniciou-se, na UEMG/Unidade Ibirité, oficialmente, no ano de 2018, com atividades de estudo e prática da capoeira. Inicialmente, havia poucos estudantes. Todavia, ao longo do tempo, estudantes, docentes, técnico(a)s-Administrativo(a)s e população do entorno começaram a frequentar as atividades que aconteciam na sala de Dança, do Prédio da Educação Física, de 11:30 às 13h. Cabe destacar que nos anos anteriores, algumas ações relacionadas a capoeira tinham logrado sucesso, como no caso do Prof. Vinícius - contramestre Meque, e seu projeto 'Capoeira na Universidade'.

No primeiro ano, conseguimos estabelecer contato com alguns Mestres de capoeira e levá-los até a Universidade para dialogar. Realizamos duas grandes rodas, sendo que a primeira aconteceu no mês de abril, no saguão de entrada da Fundação Helena Antipoff, com a presença do Centro Mineiro de Capoeiragem alunos e alunas, coordenado pelo Mestre Guto; com a participação de diverso(a)s capoeiristas da

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

comunidade de Ibitaré, estudantes da Universidade e técnicos administrativos da UEMG. Foi uma das estratégias de divulgação do Projeto.

A segunda roda ocorreu em razão da primeira entrega e troca de graduações. O projeto CECA, neste ano, acontecia simultaneamente as atividades da Escola de Capoeira Macungo, sem prejuízo para nenhuma das duas atividades. Foram entregues duas cordas amarelas⁴ (para Bermuda e Aroeira) e uma corda laranja para a aluna Sininho, uma capoeirista que foi fruto do projeto de extensão anterior do contramestre Meque. Importante esclarecer que a ‘Escola de Capoeira Macungo’ foi uma ação de organização para a prática sem nenhum prejuízo ao projeto de Extensão. Todos e todas estavam convidados a participar do NECA, independente de grupos, da metodologia de capoeira, entre outras. O objetivo era oferecer, para quem não tivesse vínculo com nenhum grupo ou Mestre/Mestra, uma oportunidade de se graduar. No ano seguinte, 2019, a parceria aconteceria com a Escola Nestor Capoeira de Belo Horizonte, coordenada por mim.

No segundo semestre, ainda deste ano de 2018, participamos da Semana da Educação Física com uma roda de conversa sob o tema: “A RODA DA CAPOEIRA E AS FORMAS EDUCATIVAS AFRODESCENDENTES”. Contamos, na oportunidade, com a presença de 3 (três) reconhecidos Mestre e Contramestres da Capoeira de Belo Horizonte (Mestre Guto, Mestre Asa Branca e Contra Mestre Morcego) e grande público participante. Vale ressaltar que o evento foi gratuito, oportunizando a participação de toda comunidade Universitária, e da região metropolitana de Belo Horizonte.

No ano de 2019, como desdobramento das ações passadas e buscando ampliar o público atendido, o projeto contou também com a participação do(a)s aluno(a)s do ensino médio da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo, através de uma parceria estabelecida pelo Departamento de Ciências do Movimento Humano – DCMH e a Fundação Helena Antipoff - FHA. Tivemos o envolvimento de 20 participantes, em média, durante os meses de atividade. Participaram do projeto, basicamente, estudantes dos cursos de Educação Física e Biologia, estudantes do ensino médio da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo e trabalhadores e

⁴ Primeira graduação.

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

trabalhadoras do corpo técnico administrativo da Fundação Helena Antipof (FHA) e da UEMG, além da participação de diverso(a)s capoeiristas de vários grupos de Belo Horizonte e Ibirité.

Fizemos o primeiro Batizado da Escola Nestor Capoeira BH, no mês de junho. Nessa ocasião, participaram o Mestre Guto e seus alunos, e a professora Pipoca. O batizado é o momento em que o/a capoeira entra na roda pela primeira vez ao som de uma bateria completa, recebe sua corda branca e ganha um apelido.

Ao final do ano aconteceu o 'I Festival de Capoeira Galo Já Cantou'. O evento realizou-se em vários espaços, tais como: UEMG, Mercado Novo e Ensaio Escola de Dança. Contou com a presença de grandes mestres de Belo Horizonte e do renomado Mestre de capoeira do Rio de Janeiro - Nestor Capoeira. Vindos do Rio de Janeiro, da Escola Nestor Capoeira (matriz), estavam também o Mestre Chacal, de Abu Dhabi – Emirados Árabes, o Contramestre Barba e o Contramestre Azul. De Belo Horizonte e região metropolitana compareceram Mestre Guto, Mestre Asa Branca, Mestra Sereia, Mestre Bruno Cabeça, Mestre Cantador, Contramestra Tartaruga, Professor Camarão e professor Guerreirinho, e vários(a)s outro(a)s capoeiristas e estudantes da Universidade.



Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

Ao longo desses dois anos, o projeto aumentou o número de participantes. Estudantes da graduação, estudantes do ensino médio, trabalhadore(a)s e comunidade em geral puderam vivenciar essa rica manifestação da nossa cultura afro-brasileira dentro dos muros da UEMG/Unidade Ibirité, cada um(a) dentro do seu tempo e das suas possibilidades. Neste sentido, o projeto se propôs ampliar as atividades de extensão com as rotinas de vivências práticas e dos estudos da arte capoeira.

Todavia, no ano de 2020 fomos atingidos de forma trágica por uma pandemia e todas as ações presenciais foram suspensas, logo no mês de março. Entretanto, o CECA gestou, implantou e desenvolveu uma ação de extensão, em parceria com Mestre Bené Batuquegê, da Universidade Federal de Sergipe.

Observatório da Capoeira

No ano da Pandemia, 2020, tínhamos a intenção de promover e desenvolver o **“II Festival de Capoeira: Galo Já Cantou”**. Entretanto, as atividades na Universidade foram suspensas e o NECA, que possui uma característica de forte articulação entre a prática e a teoria, também ficou paralisado.

Todavia, o capoeira é aquele que sabe se movimentar na adversidade, que ginga para achar as brechas do sistema e das opressões, buscando criar outras formas de deixar o CECA em atividade. Por consequência do isolamento social a que fomos impostos, iniciei uma série de bate-papos ao vivo, também conhecidos como *“lives”*, pela rede social Instagram. A utilização desta plataforma foi em virtude de sua praticidade e de requerer quase nenhum recurso externo, a não ser o próprio celular. Após alguns felizes encontros com Mestre Bené, Mestre Lagartixa, Mestra Carol e Professora Glau, decidimos evoluir a dinâmica de sucesso para uma ação mais organizada em conjunto com o Prof. Dr. Benedito Carlos Libório Caires Araújo (Mestre Bené), da Universidade Federal de Sergipe, e demos o nome de *Observatório da Capoeira*.

O Observatório foi um programa semanal, ao vivo, executado pela plataforma *Stream Yard* e transmitido pelo canal, de mesmo nome, no YouTube. O objetivo deste programa, que aconteceu todas as terças, às 21h, com duração de duas horas em

média, é reunir dois/duas Capoeiras para falarem sobre determinada temática. O primeiro programa tratou dos novos mestres de Capoeira da Bahia e contou com a participação de Mestre Balão e Mestre Corcorã. Após este primeiro falamos sobre a internacionalização da capoeira com Mestre Falcão, tratamos da presença feminina nas rodas da capoeiragem, entre outros tantos temas. Esta ação continua acontecendo no ano de 2022, e pretendia ser contínua, mesmo com o fim da Pandemia e do isolamento social.

Todavia, com a vacinação e a queda dos índices de morte e internação, a vida foi voltando ao normal e percebemos uma saturação nesse formato digital de comunicação. A coordenação do Observatório da Capoeira ainda está avaliando um novo formato para a ação. Por outro lado, o CECA, com o retorno das aulas presenciais, continua crescendo e gerando frutos.

À Guisa de Conclusões

Entendemos que Projetos de Extensão devem dialogar com a pesquisa e o ensino na Universidade. Desta forma, nossa proposta, está ancorada na construção de uma forma de desenvolvimento da capoeira na Universidade priorizando o conhecimento, o desenvolvimento da prática corporal e o entendimento do jogo de forma fluída, lúdica e ancestral. Para a criação de uma rotina de vivências, pois o corpo ensina e aprende também na prática, estabelecemos dois dias semanais de reunião, para refletirmos nossas ações pedagógicas. Aqueles que já possuem experiência com a capoeira são convidado(a)s a contribuir com o projeto, pois acreditamos que a pluralidade de experiências e saberes só favorece os/as praticantes da Arte. Pessoas que não tiveram oportunidade de vivenciar sua dinâmica durante a infância e os primeiros anos da juventude, também podem iniciar sua prática da capoeira, pois, *pari passu* ao CECA, desenvolvemos o trabalho da Escola Nestor Capoeira de Belo Horizonte, do qual sou responsável.

Sendo assim, indicamos que não há uma cisão entre o saber popular e a Academia. Ambos coexistem e se retroalimentam, através do diálogo e da horizontalidade. Nestes encontros semanais são construídas rotinas de vivências

Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

corporais. Em conjunto com repertório de golpes, esquivas e floreios do jogo da capoeira, desenvolvemos também saberes relativos ao toque dos instrumentos originais da roda da capoeira, em sua diversidade; e dos aspectos históricos e culturais dessa arte. Precisamos ainda consolidar a agenda de rodas mensais, promovendo o intercâmbio mais regular com outros/as mestre(a)s, professora(e)s, grupos e associações de Capoeira de Ibirité e da região metropolitana de Belo Horizonte para o ambiente da Universidade.

Por fim, afirmamos nosso compromisso histórico com a Extensão, dimensão indissociavelmente desenvolvida com o ensino da disciplina de Educação Física, Culturas Afrobrasileiras e Indígenas (obrigatória no curso de Licenciatura em Educação Física); e com os projetos de Pesquisa histórica com a temática da capoeira. Axé!

Referências

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Cadernos Andes nº2. **Proposta do Andes-SN para a Universidade Brasileira**. (4ª Edição atualizada e revisada - 2013). Florianópolis: Andes, 1981

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: Galo Já Cantou**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

_____. **Capoeira: Os Fundamentos da Malícia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FREITAS NETO, José Alves. **A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana**. *in*: Revista Ensino Superior Unicamp, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?**. *In*: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://www.paulofreire.org> – acesso: 22/04/2021

Minas Gerais. **Constituição** (1989). **Constituição do Estado de Minas Gerais**. – 27. ed. – Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2021.



Unesco
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 12, nº2, ago/dez 2023.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola - Mestre Pastinha**. 3ª ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões. **Bimba, Pastinha e Besouro de Mangangá: Três Personagens da Capoeira Baiana**. Tocantins/Goiânia: NEAB/Grafset, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição: Os Capoeiras no Rio de Janeiro 1850 – 1890**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

VIEIRA, Luiz Renato; MATTHIAS, Röhrling Assunção. **Mitos, Controvérsias e Fatos: Construindo a História da Capoeira**. In: Estudos Afro-asiáticos. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 1998.

Recebido março de 2023

Aprovado junho de 2023.